

DIOCESE DE IGUATU

- URGÊNCIA ANIMAÇÃO BÍBLICA -

ROTEIROS PARA LEITURA ORANTE DA PALAVRA DE DEUS

MARÇO

Estrutura:

1. Antes de tudo, preparar um simples espaço. Que seja acolhedor e orante... Dispor, se possível, de uma velinha que ilumine o grupo...
2. Depois que todo o grupo chegar, quem coordena convida ao silêncio e à oração. Pode ser entoado um refrão meditativo que ajude a entrar em contemplação.
3. Alguém proclama o texto bíblico – **Evangelho** – em voz alta. (Ler o texto da bíblia/jornal, ou ainda do lecionário... não há necessidade de fazer a introdução ou conclusão: "Proclamação do Evangelho; Palavra da Salvação..."). Como costumamos ler em casa.
4. Reservar um tempinho para que cada pessoa do grupo retome, leia e releia, contemple e medite o texto...
5. Após o tempo reservado para a leitura pessoal, as pessoas podem, livremente, partilhar o que brotou da oração. Quem coordena pode concluir o momento com sua partilha.
6. Pode-se, após a partilha, ler um texto que ajude na contemplação e aprofundamento do sentido espiritual do Evangelho. **Nos roteiros a seguir, apresentamos os textos de aprofundamento para cada domingo do mês.**
7. Para a conclusão, um salmo ou algum canto relativo àquele domingo pode ser cantado pelo grupo.



Também colocamos, ao fim de cada roteiro, as músicas indicadas para a Celebração Eucarística ou da Palavra de Deus daquele domingo, de acordo com o Hinário Litúrgico da CNBB, a fim de contribuir com a preparação dominical das comunidades da diocese. Excepcionalmente nesta edição, orientações para o Tempo Quaresmal na perspectiva do Diretório Litúrgico da CNBB e da Carta Circular *PASCHALIS SOLLEMNITATIS*, sobre a preparação das festas pascais.

TEMPO DA QUARESMA¹

O tempo da Quaresma vai da quarta-feira de Cinzas até a Missa da Ceia do Senhor, exclusive. É o tempo para preparar a celebração da Páscoa. "Tanto na liturgia quanto na catequese litúrgica esclareça-se melhor dupla índole do tempo quaresmal que, principalmente pela lembrança preparação do Batismo e pela penitência, fazendo os fiéis ouvirem com frequência a Palavra de Deus e entregarem-se à oração, os dispõe celebração do mistério pascal" (SC, n. 109)

ANOTAÇÕES

1. Durante este tempo é proibido ornar o altar com flores; o toque instrumentos musicais só é permitido para sustentar o canto. Excetuam-se o Domingo Laetare (4º Domingo ia, Quaresma), bem como as solenidades e festas.
2. Cor do tempo é roxa. No Domingo Laetare, pode-se usar cor-de-rosa (IGMR. nº 308f).
3. Em todas as Missas e Ofícios (onde se encontrar), omite-se o Aleluia.
4. Nas solenidades e festas somente, como ainda em celebrações, diz-se o Te Deum e o Glória.
5. Memórias obrigatórias que ocorrem neste tempo podem como memórias facultativas (cf. Anotações Gerais 2.4). Não são permitidas missas votivas.
6. Celebração do Matrimônio, seja dentro ou fora da Missa, deve-se sempre dar a bênção nupcial; mas admoestem-se os esposos que se abstenham de demasiada pompa.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil promove este ano, a Quaresma, a Campanha da Fraternidade, cuja finalidade principal vivenciar e assumir a dimensão comunitária e social da Quaresma. Da Fraternidade ilumina de modo particular os gestos fundamentais desse tempo litúrgico: a oração, o jejum e a esmola.

Neste ano, o tema da Campanha é "**Fraternidade e Políticas Públicas**" e o lema "**Serás liberto pelo direito e pela justiça**" (Is 1,27).

Notas para a Quarta-feira de Cinzas:

1. Dia de jejum e abstinência.
2. Na missa, depois do Evangelho e da homilia, se benzem e impõem as cinzas feitas de ramos de oliveira ou outras árvores, bentos no de Ramos do ano anterior. O ato penitencial se omite.
3. Bênção e imposição das cinzas também podem ser feitas sem Missa; neste caso, oportunamente, precede uma Liturgia da Palavra, aproveitando o canto de Entrada, a Coleta e as leituras da Missa com seus cantos; depois da homilia, são bentas as cinzas e impostas, e o rito termina com a oração dos fiéis.

¹ Diretório da Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil Edições CNBB, pp 69,70.

DA CARTA CIRCULAR

PASCHALIS SOLLEMNITATIS

(A preparação e celebração das festas pascais – Documentos da Igreja – Edições CNBB nº 38)².

O TEMPO DA QUARESMA

6. "O anual caminho de penitência da Quaresma é o tempo de graça, durante o qual se sobe ao monte santo da Páscoa. Com efeito, a Quaresma, pela sua dúplice característica, reúne catecúmenos e fiéis na celebração do mistério pascal. Os catecúmenos, quer por meio da 'eleição' e dos 'escrutínios' quer mediante a catequese, são admitidos aos sacramentos da iniciação cristã; os fiéis, ao contrário, por meio da escuta mais frequente da Palavra de Deus e de uma oração mais intensa são preparados, com a Penitência, para renovar as promessas do Batismo".

a) Quaresma e iniciação cristã

7. Toda a iniciação cristã tem uma índole pascal, sendo a primeira participação sacramental na morte e ressurreição de Cristo. Por esta razão, a Quaresma deve alcançar o seu pleno vigor como tempo de purificação e de iluminação, especialmente mediante os "escrutínios" e as "entregas" (o símbolo da fé e a oração do Senhor); a própria vigília pascal deve ser considerada como o tempo mais adaptado para celebrar os sacramentos da iniciação.

8. Também as comunidades eclesiais, que não têm catecúmenos, não deixem de orar por aqueles que noutros lugares, na próxima vigília pascal, receberão os sacramentos da iniciação cristã. Os pastores, por sua vez, expliquem aos fiéis a importância da profissão de fé batismal, em ordem ao crescimento da sua vida espiritual. Estes serão convidados a renovar tal profissão de fé, "no final do caminho penitencial da Quaresma".

9. Na Quaresma, cuide-se de ministrar a catequese aos adultos que, batizados quando crianças, não a receberam e, portanto, não foram admitidos aos sacramentos da Confirmação e da Eucaristia. Neste mesmo período sejam realizadas as celebrações penitenciais, a fim de os preparar para o sacramento da Reconciliação.

10. O tempo da Quaresma é, além disso, o tempo próprio para celebrar os ritos penitenciais correspondentes aos escrutínios para as crianças ainda não batizadas, que atingiram a idade adequada à instrução catequética, e para as crianças há tempo batizadas, antes de serem admitidas pela primeira vez ao sacramento da Penitência.

O bispo promova a formação dos catecúmenos tanto adultos como crianças e, segundo as circunstâncias, presida aos ritos prescritos, com a participação assídua por parte da comunidade local.

b) As celebrações do tempo quaresmal

11. Os domingos da Quaresma têm sempre a precedência também nas festas do Senhor e em todas as solenidades. As solenidades, que coincidem com estes domingos, são antecipadas para o sábado. Por sua vez, os dias feriais da Quaresma têm a precedência nas memórias obrigatórias.

² Congregação do Culto Divino, 16 de janeiro de 1988.

12. Sobretudo nas homilias do domingo seja ministrada a instrução catequética sobre o mistério pascal e sobre os sacramentos, com explicação mais cuidadosa dos textos do Lecionário, sobretudo as perícopes do Evangelho, que ilustram os vários aspectos do Batismo e dos outros sacramentos e também a misericórdia de Deus.

13. Os pastores expliquem a Palavra de Deus de modo mais frequente e mais amplo nas homilias dos dias feriais, nas celebrações da Palavra, nas celebrações penitenciais, em particulares pregações, durante a visita às famílias ou a grupos de famílias para a bênção. Os fiéis participem com frequência nas missas feriais e, quando não for possível, sejam convidados a ler pelo menos os textos das leituras correspondentes, em família ou em particular.

14. "O tempo da Quaresma conserva a sua índole penitencial". Na catequese aos fiéis seja inculcada, juntamente com as consequências sociais do pecado, a natureza genuína da penitência, com a qual se detesta o pecado enquanto ofensa a Deus.

A virtude e a prática da penitência permanecem partes necessárias da preparação pascal: da conversão do coração deve brotar a prática externa da penitência, quer para os cristãos individualmente quer para a comunidade inteira; prática penitencial que, embora adaptada às circunstâncias e condições próprias do nosso tempo, deve porém estar sempre impregnada do espírito evangélico de penitência e orientada para o bem dos irmãos.

Não se esqueça a parte da Igreja na ação penitencial e seja solicitada a oração pelos pecadores, inserindo-a com mais frequência na oração universal.

15. Recomende-se aos fiéis mais intensa e frutuosa participação na liturgia quaresmal e nas celebrações penitenciais. Seja-lhes recomendada sobretudo a frequência, neste tempo, ao sacramento da Penitência, segundo a lei e as tradições da Igreja, para poderem participar nos mistérios pascais com espírito purificado. É muito oportuno no tempo da Quaresma celebrar o sacramento da Penitência segundo o rito para a reconciliação de mais penitentes, com a confissão e absolvição individual, como vem descrito no Ritual Romano.

Por sua vez, os pastores estejam mais disponíveis para o ministério da Reconciliação e, ampliando os horários para a confissão individual, facilitem o acesso a este sacramento.

16. O caminho de penitência quaresmal em todos os seus aspectos seja orientado para pôr em mais evidência a vida da Igreja local, e para lhe favorecer o progresso. Por isto se recomenda muito conservar e favorecer a forma tradicional de assembleia da Igreja local, segundo o modelo das "estações" romanas. Estas assembleias de fiéis poderão reunir-se, especialmente sob a presidência do pastor da diocese, junto dos túmulos dos santos ou nas principais igrejas e santuários da cidade, ou nos lugares de peregrinação mais frequentados na diocese.

17. "Na Quaresma não se colocam flores no altar e o som dos instrumentos é permitido só para sustentar o canto", no respeito da índole penitencial deste tempo.

18. *De igual modo, omite-se o Aleluia* em todas as celebrações, desde o início da Quaresma até a Vigília pascal, também nas solenidades e nas festas.

19. Sobretudo nas celebrações eucarísticas, mas também nos pios exercícios, sejam escolhidos cânticos adaptados a este tempo e correspondentes, o mais possível, aos textos litúrgicos.

20. Sejam favorecidos e impregnados de espírito litúrgico os pios exercícios de acordo com o tempo quaresmal, como a *Via-sacra*, para com mais facilidade conduzir os ânimos dos fiéis à celebração do mistério pascal de Cristo.

c) Particularidades de alguns dias da Quaresma

21. Na quarta-feira antes do primeiro domingo da Quaresma os fiéis, recebendo as cinzas, entram no tempo destinado à purificação da alma. Com este rito penitencial, surgido da tradição bíblica e conservado na práxis eclesial até os nossos dias, é indicada a condição do homem pecador, que exteriormente confessa a sua culpa diante de Deus e exprime assim a vontade de conversão interior, na esperança que o Senhor seja misericordioso para com ele. Por meio deste mesmo sinal inicia o caminho de conversão, que alcançará a sua meta na celebração do sacramento da Penitência nos dias antes da Páscoa. A bênção e imposição das cinzas são realizadas durante a missa ou também fora da missa. Nesse caso, permite-se a liturgia da Palavra, concluída com a oração dos fiéis.

22. A Quarta-feira de Cinzas é dia obrigatório de penitência na Igreja toda, com a observância da abstinência e do jejum.

23. O I domingo da Quaresma assinala o início do sinal sacramental da nossa conversão, tempo favorável para a nossa salvação. Na missa deste domingo não falem os elementos que sublinham tal importância; por exemplo, a procissão de entrada, com a ladainha dos santos. Durante a missa do I domingo da Quaresma, o bispo celebre oportunamente na igreja catedral, ou noutra igreja, o rito da *eleição* ou da inscrição do nome, segundo as necessidades pastorais.

24. Os Evangelhos da Samaritana, do cego de nascença e da ressurreição de Lázaro, assinalados respectivamente para os domingos III, IV e V da Quaresma no ano A, pela sua grande importância em ordem à iniciação cristã, podem ser lidos também nos anos B e C, sobretudo onde há catecúmenos.

25. No IV domingo da Quaresma ("Laetare") e nas solenidades e festas permite-se o som dos instrumentos, e o altar pode ser ornado com flores. E neste domingo podem ser usados os paramentos de cor rósea.

26. O uso de cobrir as cruzes e as imagens na igreja, desde o V domingo da Quaresma, pode ser conservado segundo a disposição da Conferência Episcopal. As cruzes permanecem cobertas até ao término da celebração da Paixão do Senhor na Sexta-feira Santa; as imagens até ao início da Vigília pascal.

8º Domingo do Tempo Comum – 03/03/2019

Domingo dos frutos que nascem do coração

1. Silêncio... Refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lc 6, 39-45

3. Texto para aprofundamento da leitura:

FRUTOS BONS

José Antônio Pagola.

A advertência de Jesus é fácil de entender. "Não há árvore boa que dê fruto nem árvore ruim que dê fruto bom. Cada árvore se conhece por seu porque não se colhem figos das sarças nem se vindimam uvas dos espinheiros."

Numa sociedade prejudicada por tantas injustiças e abusos, onde crescem "sarças" dos interesses e das rivalidades mútuas e onde brotam tantos espinheiros de ódio, discórdia e agressividade, são necessárias pessoas boas que produzam outro tipo de frutos. O que podemos fazer cada um de nós melhorar um pouco a convivência social tão prejudicada entre nós?



Talvez devamos começar por não tornar a vida de ninguém mais difícil do que já é. Esforçar-nos para que, pelo menos entre nós, a vida seja humana e suportável. Não envenenar o ambiente com nossa amargura. Criar ao nosso redor relações diferentes feitas de confiança, bondade e cordialidade.

Precisamos entre nós de pessoas que saibam acolher. Quando acolhe alguém, nós o estamos libertando da solidão e infundindo nele novas forças para viver. Por mais difícil que seja a situação em que alguém se encontra» se ele descobrir que não está só e que tem alguém a quem recorrer, ^espertará novamente nele a esperança. Como é importante oferecer refúgio, acolhida e escuta a tantas pessoas maltratadas pela vida.

Precisamos desenvolver também muito mais a compaixão. Que as pessoas saibam que, por mais graves que sejam seus erros, sempre encontrarão, em mim alguém que as compreenderá. Precisamos começar por não desprezar ninguém, nem sequer interiormente: não condenar nem julgar precipitadamente. A maioria de nossos juízos e condenações só mostram nossa pouca qualidade humana. Também é importante transmitir alento aos que sofrem. Nosso problema não é ter problemas, mas não ter forças para enfrentá-lo. -Junto a nós há pessoas que sofrem insegurança, solidão, fracasso, enfermidade, incompreensão... Elas não precisam de receitas para resolver sua crise. Precisam de alguém que compartilhe seu sofrimento e ponha em sua vida a força interior que as sustente.

Perdão pode ser outra fonte de esperança em nossa sociedade. As pessoas que não guardam rancor nem alimentam o ressentimento, e sabem perdoar de verdade, semeiam esperança ao seu redor. Junto a elas sempre cresce a vida.

Não se trata de fechar os olhos ao mal e à injustiça. Trata-se simplesmente de ouvir a palavra de ordem de Paulo de Tarso: "Não te deixes vencer pelo mal: antes, vence o mal com o bem". A maneira mais sadia de lutar contra o mal numa sociedade tão prejudicada como a nossa é fazer o bem "sem retribuir a ninguém mal por mal [...]; na medida do possível, e no que depender de nós, viver em paz com todos os homens" (Rm 12,17-18).

A palavra na vida

A nossa coerência com o Evangelho de Jesus passa pela nossa capacidade de acolher sem julgamento algum, mas se oferecer como apoio e refúgios para os que vem ao nosso encontro.

A palavra na celebração

A Eucaristia é a memória-presença daquele que se faz alimento para nós, alimento dos fracos, remédios dos enfermos, amor incondicional. Quem se alimenta desta mesa "É fazer-se solidário com

sem terra e sem salário, sem casa ou presidiário, na dor é provar da novidade, da mais pura liberdade. De uma nova humanidade, de paz e amor. É firmar um compromisso com o poder feito serviço, pois Cristo sempre fez isso irmão. A honra do Pai divino, não é tanto culto, ou hino... É vida, e o nosso destino é libertação! Aleluia, aleluia!...

Sugestão de repertório para o 8º Domingo do Tempo Comum:

Abertura: O Senhor é meu apoio (CD Liturgia VI, faixa 8).

Salmo responsorial: Como é bom agradecermos ao Senhor! (CD Liturgia XI, faixa 11).

Aclamação: Aleluia! Como os astros do mundo vocês resplandeçam! (CD Liturgia XI, faixa 2).

Ofertório: A vós, Senhor, apresentamos estes dons (CD Liturgia VI, faixa 9).

Comunhão: Com a trave no olho queremos limpar. (CD Liturgia XI, faixa 10).

Quarta-feira de Cinzas – 06/03/2019

Oração, penitência e caridade

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Mt 6,1-6.16-18

3. Texto para aprofundamento da leitura:

QUARTA-FEIRA DE CINZAS: QUANDO CAEM AS MÁSCARAS

Pe. Adroaldo Palaoro sj



Todos os anos, vivemos um curioso itinerário: “passamos” do Carnaval à Quarta-feira de Cinzas. Trata-se de uma das expressões coletivas onde a tradição, a cultura, a história e a fé se encontram para deixar transparecer, com assombrosa clareza, um de nossos contrastes profundos. Assim somos nós, às vezes escondidos detrás de máscaras, ou envolvidos em plumagens brilhantes. E outras vezes, necessitados de nos desfazer de capas e envoltórios para poder

contemplar nossa autêntica identidade, profunda e frágil ao mesmo tempo. Algo disto acontece no Carnaval. É uma espécie de apoteose do sonho, do espelhismo, da vaidade. No carnaval não há nada mais que a fachada que alguém quer mostrar. É uma curiosa metáfora de como, às vezes, podemos viver. Disfarçamo-nos de forte quando sabemos que somos vulneráveis; aparentamos ser resistentes quando, na realidade, estamos quebrados por dentro; manifestamos coragem quando o medo bloqueia o fluir da nossa vida; escondemos as inquietudes cotidianas, os desgostos ou as feridas, os fracassos e a falta de sentido na vida...

Vivemos a cultura da “civilização do espetáculo”. A humanidade passa por uma etapa de progressiva atrofia da interioridade, na qual a vida deixou de ser vivida para ser representada. As pessoas, como os atores que representam em um cenário ou nas telas, vivem para mostrar-se para fora, carecem de sedimento interno. Através das redes sociais não há nada mais oculto, e o que é mostrado ao exterior está enfermo de superficialidade. As pessoas mais inventivas e criativas, que antes perseguiram ideais e causas mobilizadoras, agora já não conseguem senão representar uma farsa; nada escapa à banalização generalizada imposta por uma cultura focada na imagem pública.

É cada vez mais difícil a criação de um espaço interior, em sintonia e bem integrado com o mundo exterior. É cada vez mais difícil o caminho para a autenticidade, a esforçada vida que aposta pela profundidade pessoal e pelo compromisso. Pode-se dizer que a civilização na qual nos movemos converte em árdua a aspiração evangélica do “escondido” e “oculto”, porque com a multiplicação de presenças superficiais – celular, tablets, face-book, whatsApp – nossa civilização trivializou e banalizou a intimidade. “Vestir-se de saco e cobrir-se de cinzas” seria a outra face dessa mesma moeda. É como quem tira a maquiagem frente a um espelho, para encontrar-se com a pele desnuda, como quem vai se despojando de camadas de roupas e vai ficando desprotegido.

Neste tempo de Cinzas a liturgia insiste para que possamos ver nossa verdade sem adornos; contemplar-nos e saber quem somos; aceitar nossa fragilidade, reconhecer os dons e os limites; descobrir as fendas por onde a vida se esvai, para ver se há algo a fazer com elas; confiar

no Deus que nos conhece melhor que nós mesmos; e, ao "sair do próprio amor, querer e interesse", poder partilhar este nosso ser no compromisso com os outros.

Buscar a Deus onde Ele quer ser buscado e como quer ser buscado significa confrontar nossa própria interioridade, com toda sua complexidade de desejos contrapostos, e desmontar fantasias enganosas sobre nós mesmos e nossos objetivos na vida. A experiência quaresmal significa: caminhar para a vivência de um Evangelho mais autêntico, lutar contra uma cultura que premia a exibição, mergulhar no "oculto" de modo que se dilate em nós um espaço interior, pois é no oculto e no escondido onde vai ser possível um encontro com o Deus verdadeiro. A Quarta-feira de Cinzas se abre com o conhecido texto de Mateus sobre a esmola, a oração e o jejum. Tais "práticas quaresmais" são uma mediação para reaprender o caminho de volta ao coração, desvelando (tirando o véu ou as máscaras) nossa interioridade para poder viver com mais verdade e coerência.

Mateus caricaturiza, exagera e amplifica o comportamento errôneo daqueles que vivem o "complexo do pavão". O texto não critica que se dê esmola ou se faça oração e jejum, mas o "por quê" e o "para quê" de tudo isso: "para chamar a atenção", "para serem elogiados pelos outros", "para serem vistos". Ou seja, faz-se da oração-esmola-jejum uma autocelebração ou exibição de si mesmo. Somos convidados a viver a Quaresma como um tempo de libertação. Neste tempo litúrgico teremos a oportunidade de experimentar um modo de viver, onde a verdadeira liberdade terá a chance de se expressar. Quaresma pode ser escola de vida para o restante do ano. Não se trata de estar olhando nosso próprio umbigo: se queremos mudar as estruturas injustas, se queremos enfrentar o mal sistêmico, se cremos que outro mundo é possível, temos que começar por nós mesmos. Jejuar, dar esmola e orar... três simples propostas para sermos melhores e mais humanos.

A oração: um tempo para tomar consciência que minha vida passa diante dos olhos do Senhor e saber o que Ele vê nela; somente diante do olhar compassivo do Senhor posso ativar os melhores recursos presentes em meu interior. Orar para conhecer mais o Senhor, para conectar com o que Ele deseja para mim e desejar, também eu, com Ele. Oportunidade de sentir sua presença em meu dia-a-dia, no cotidiano, e de reconhecer que, às vezes, Ele não passa: não o deixo passar. Tempo também de agradecer o bem que Ele realiza em minha vida e na das pessoas que me rodeiam. A oração é um encontro necessário, especial, insubstituível, para prestar-lhe toda minha atenção. E como em toda aprendizagem, persistir. Como é minha oração? Deixo espaço suficiente à ação surpreendente de Deus?

O jejum: deixar de lado o que causa dano, para afirmar o que merece um espaço em minha vida. O Senhor me chama a jejuar de pré-juízos, de incompreensão, de intolerância, de egoísmo, de soberba, de mentiras... Jejuar de desculpas que me impedem olhar a realidade de frente, e optar por assumi-la com toda sua dureza e sua riqueza. Distanciar-me da vida superficial-consumista e eleger a vida plena, profunda, comprometida. Aprender a jejuar, não como sacrifício vazio, mas por amor; abraçar a renúncia que me abre a uma vida nova. De que jejuar em minha realidade de hoje? A quê renunciar para ativar a vida?

A esmola: chamado a partilhar o muito ou o pouco que tenho, a descentrar-me, a fazer da minha vida uma contínua saída em direção aos outros, sobretudo os mais pobres e excluídos. Praticar a esmola libera os braços para acolher, alarga o coração para ser mais compassivo, movimenta os pés para uma maior prontidão no serviço, desperta uma presença inspiradora junto àqueles que estão abatidos... Esta generosidade, à qual sou chamado, é a atitude central na escola da quaresma e da vida. Seus frutos: a liberdade, a justiça, a Páscoa.

Dar esmola é fazer tudo aquilo que me leva a sair ao encontro do outro em suas necessidades: ser mais consciente da injustiça e da violência, servir os outros, visitar o enfermo, estancar feridas afetivas, encontrar tempo para falar com a família, deter-me naquilo que é mais positivo nos outros, ser membro ou voluntário de uma ONG... Qual é a "esmola" que o Senhor me chama a entregar?

- **Na oração:** Qual é minha verdade, diante de Deus, de mim mesmo, diante dos outros? Quê máscaras costumo usar, e em quê circunstâncias?

Sugestões de repertório para a Quarta-feira de Cinzas:

Refrão Meditativo: Misericordioso é Deus ou Jesus, de todos Salvador (Cantos de Taizé)

Abertura: Senhor, eis aqui o teu povo (CD Liturgia XIII, faixa 01)

Salmo responsorial: Misericórdia, ó Senhor, pois pecamos (CD Cant. os Salmos-Ano C, faixa 14)

Aclamação: Jesus Cristo, sois bendito! (CD CF 2019, faixa 11).

Imposição das cinzas: Pecador agora é tempo (CD Liturgia XIII, faixa 04)

Ofertório: O vosso coração de pedra se converterá (CD Liturgia XIII, faixa 05)

Comunhão: Reconciliai-vos com Deus (CD Liturgia XI, faixa 06)

1º Domingo da Quaresma - 10/02/2019

Domingo do deserto de Jesus

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lc 4, 1-13

3. Texto para aprofundamento da leitura:

NÃO DESVIAR DE JESUS

José Antônio Pagola

As primeiras gerações cristãs mostraram grande interesse pelas provações e tensões que teve que superar Jesus para manter-se fiel a Deus a viver sempre colaborando no sem projeto de uma vida mais humana e digna para todos.

O relato das tentações de Jesus não é um episódio fechado, que acontece num momento e num lugar determinado.

Lucas nos adverte que, ao terminar estas tentações "o diabo afastou-se dele até o tempo oportuno". As tentações voltarão na vida de Jesus e na de seus seguidores.

Por isso, os evangelistas colocam o relato antes de narrar a atividade profética de Jesus. Os seguidores dele devem conhecer bem estas tentações desde o começo, pois são as mesmas que eles terão que superar ao longo dos séculos, se não querem se desviar dele.

Na primeira tentação fala-se de pão. Jesus recusa-se a se valer de Deus para saciar sua própria fome. "não só de pão vive o homem". O mais importante para Jesus é buscar o reino de Deus e sua justiça: que haja pão para todos. Por isso vai um dia se valer de Deus, mas será para alimentar uma multidão faminta.

Também hoje a nossa tentação é pensar só no nosso pão e preocupar-nos exclusivamente de nossa crise. Desviamos-nos de Jesus quando acreditamos ter o direito de possuí-lo e nos esquecemos do drama, os medos e sofrimentos daqueles que carecem de quase tudo.

Na segunda tentação fala-se do poder e da glória. Jesus renuncia a tudo isso. Não vai se prostrar diante do diabo que lhe oferece o domínio sobre todos os reinos do mundo: "Adorarás o Senhor teu Deus". Jesus não buscará nunca ser servido, mas servir.

Pias Discípulas do Divino Mestre

Na Quarta-feira de Cinzas, iniciamos a caminhada quaresmal em direção à celebração da Páscoa de Jesus e nossa.

Para as comunidades cristãs, a caminhada quaresmal se apresenta como um tempo de graça em que o próprio Deus, por seu Filho e no Espírito Santo, nos fortalece na fé e nos educa para o verdadeiro sentido da vida, o qual irrompe definitivamente na Páscoa.

A Quaresma, que nos conduz à celebração da Santa Páscoa, é um tempo litúrgico muito rico e importante que requer ser vivido com o devido empenho pela prática da caridade, da oração e da escuta da Palavra de Deus e particularmente neste ano intensificar a luta por políticas públicas. Neste domingo, vamos com Jesus ao deserto: Diante das tentações, renovamos nossa fidelidade ao Deus vivo e verdadeiro, sustentados por sua palavra.

Sugestões de repertório para o 1º Domingo da Quaresma:

Refrão Meditativo: Misericordioso é Deus (Cantos de Taizé)

Abertura: Ah, se o povo de Deus no Senhor cresse! (CD CF 2019, f. 3) *ou* Volta, meu povo, ao teu Senhor (CD CF 2017, faixa 06) *ou* Senhor, tende compaixão (CD CF 2017, faixa 07)

Salmo responsorial: Ao invocar-me, hei de ouvi-lo e atende-lo! (CD Liturgia XIV, faixa 15)

Aclamação: Jesus Cristo, sois bendito! (Cd CF 2019, faixa 11) *ou* Honra, Glória, poder e louvor (Cd Liturgia XIV, faixa 12)

Apresentação das Oferendas: Criai em nós um coração que seja puro (CD CF 2019, faixa 12) *ou* Todo povo sofredor (Cd Liturgia XIV, faixa 13)

Comunhão: O homem não vive somente de pão (CD CF 2019, faixa 14) *ou* Quem vive á sombra do Senhor (CD Liturgia XIV, melodia da faixa 3)

2º Domingo da Quaresma - 17/02/2019

Domingo da Transfiguração do Senhor

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lc 9,28-36

3. Texto para aprofundamento da leitura:

SOMOS SERES TRANSFIGURADOS..., E NÃO SABÍAMOS

Pe. Adroaldo Palaoro, sj



“Enquanto rezava, seu rosto mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante” (Lc 9,29). O relato da Transfiguração não é crônica de um fato histórico; é, muito mais, a experiência de fé dos discípulos que, com toda certeza, perceberam em Jesus uma “transparência” ou “profundidade” que os impactou profundamente.

Podemos expressar numa frase o significado do relato: “Jesus é transparência do divino”. Por isso, podemos dizer também que Ele é um homem transfigurado. Jesus viveu constantemente transfigurado. A transfiguração não foi um fato isolado na vida do Mestre de Nazaré, mas o ‘estado habitual de seu ser’. Mas foi durante sua oração no monte que Jesus deixou transparecer sua identidade mais profunda e escondida; algo que os seus discípulos não podiam captar no ritmo da vida cotidiana.

Quê fazia de Jesus um “homem transfigurado?” Era sua bondade, sua compaixão, sua autenticidade, sua integridade e coerência, sua liberdade, seu projeto de vida, sua relação com o Pai... Ou seja, o que há de divino em Jesus está em sua humanidade. Só no humano transparece Deus. Jesus nos dá a medida do humano: ser pessoa compassiva e comprometida com os demais. É precisamente na condição humana de Jesus onde podemos conhecer quem é Deus e como é Deus. Mais ainda, é na entranhável humanidade de Jesus onde compreendemos a profunda e desconcertante humanidade de Deus.

Sua humanidade e sua divindade se expressavam cada vez que Ele se aproximava das pessoas, especialmente as mais excluídas e sofredoras, ajudando-as a reconstruir a própria humanidade ferida. Sua humanidade levada à plenitude é Palavra definitiva. Por isso, é preciso “escutá-Lo”. Escutar o “Filho amado” é transformar-se n’Ele e levar uma vida comprometida, semelhante à d’Ele, ou seja, empapar-se do “modo” como Ele humanamente viveu. A Transfiguração está nos dizendo quem era realmente Jesus e quem somos realmente cada um de nós. Ela nos revela também nossa identidade e nos faz caminhar em direção à nossa própria humanidade. Por isso, uma pessoa transfigurada é uma pessoa profundamente humana. Tudo o que é autenticamente humano é transparência de Deus. Em outras palavras, a vivência do humano nos diviniza.

Somos todos “pessoas transfiguradas”..., mas desconhecemos essa realidade surpreendente. Na Transfiguração, Jesus nos faz descobrir nosso verdadeiro ser, que vemos refletido n’Ele. Jesus continua se “transfigurando” na montanha interior de cada um de nós. N’Ele, encontramos “indicações” que nos conduzirão a essa descoberta: a vivência do amor, da compaixão, da confiança, do silêncio, da coragem, da experiência de Deus... A transfiguração não é condição de um “iluminado”, mas a realidade de toda pessoa que é capaz de “sair de seu próprio amor, querer e interesse” (S. Inácio). Transfigurar é descentrar-se e expandir-se na

direção do outro. Transfigurar é ativar todas as possibilidades de vida para que ela se torne oblativa. Tal experiência também nos confere um "olhar contemplativo" que nos faz descobrir que toda realidade já está "transfigurada". Seguramente reacenderá em nós a capacidade de admiração, de assombro e de contemplação, para ver as pessoas e "todas as coisas criadas" para além do meramente superficial. O olhar habitual de nosso contexto pós-moderno não é precisamente esse, mas outro, caracterizado pelo imediatismo, pragmatismo, interesse e voracidade. Em tal contexto há tanta superficialidade e tanto narcisismo que a vivência da profundidade, do silêncio, da admiração... se tornam estranhos para nós.

A Transfiguração possibilita cultivar um "olhar" que sabe ver em profundidade, descobrindo em cada ser humano, para além de suas aparências, um ser transfigurado, porque somos capazes de vê-lo em sua beleza e bondade originais; um olhar que sabe deixar-se impactar por tudo aquilo que nos cerca e é capaz de render-se diante do Mistério. Nesse sentido, "subir" ao Tabor implica "descer" em direção à nossa própria humanidade. A Montanha nos "transfigura", revelando nosso ser essencial. Todos estamos dispostos a "subir", mas nos custa muito "descer". Não haverá plenitude de humanidade enquanto os de cima não decidam descer, e os de baixo não renunciem subir passando por cima dos outros.

Não se trata de ter a antena dirigida ao céu para esperar que dali venha algumas palavras para indicar o que devemos fazer. Trata-se de descobrir a voz de Deus no grito desesperado de cada um dos seres humanos que encontramos em nosso caminhar. "Humanizemo-nos!" Esta é a voz d'Aquele que viveu permanentemente "transfigurado-humanizado". Aquele Monte (Tabor) é um espaço instigante, lugar alto de experiência radical de Jesus, para ver os problemas da humanidade, para senti-los, para assumi-los e mudar... Jesus nos faz subir à grande montanha para que vejamos as coisas de outra forma, de outra perspectiva... É preciso, de vez em quando, tomar distância e nos afastar do cotidiano rotineiro e atrofiado, para ampliar nossa visão e contemplar o drama humano; é decisivo nos situar diante do calor de Deus (sarça ardente) para desvelar nossa verdadeira identidade. Somente assim a Montanha nos transfigurará para que nos empenhemos a serviço dos "desfigurados" do mundo.

A espiritualidade cristã nos possibilita fazer a síntese entre o novo e o antigo, entre a interioridade e exterioridade, enfim, síntese entre a Transfiguração do Tabor e o cotidiano da vida comprometida com os desafios do vale. Sínteses profundas que nos educam para a "liberdade dos filhos de Deus" (Rom. 8,21). A transfiguração de Jesus é como uma parábola que nos recorda: a vocação cristã é transfigurar o tempo e o espaço. É preciso transfigurar nossas relações humanas: passar de relacionamentos interesseiros a relações afetuosas e amáveis.

É urgente transfigurar a política, transformando o poder e a gestão da coisa pública em serviço ao bem-comum. É preciso transfigurar a natureza na comunhão do ser humano com o universo. A Transfiguração do ser humano acontece no coração de cada um que crê. É Deus que nos transfigura, "mudando nosso coração de pedra em coração de carne" (Ez. 36,26).

Sugestões de repertório para o 2º Domingo da Quaresma:

Refrão Meditativo: Misericordioso é Deus ou Jesus, de todos Salvador (Cantos de Taizé)

Abertura: Ah, se o povo de Deus no Senhor cresse! (CD CF 2019, faixa 03)

Salmo Responsorial: Ó Senhor, ouvi a voz do meu apelo (CD Liturgia XIV, faixa 15)

Ofertório: Criai em nós um coração (CD CF 2019, faixa 12) *ou* Todo povo sofredor (CD Liturgia XIV, faixa 13)

Comunhão: Da nuvem uma voz se fez ouvir (CD CF 2019, faixa 15) *ou* Então da nuvem luminosa (CD Liturgia XIII, faixa 08) *ou* Jesus, Filho Amado! (CD. CF 2017, faixa 14)

3º Domingo da Quaresma - 24/03/2019

Domingo da figueira estéril

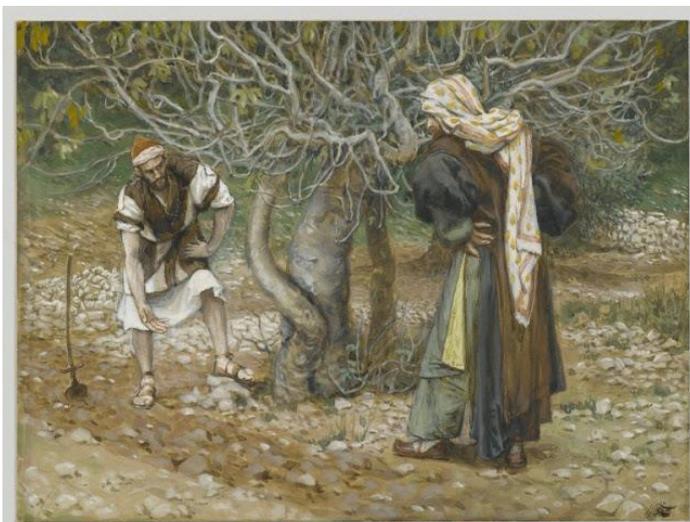
1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lc 13, 1-9

3. Texto para aprofundamento da leitura:

ONDE NÓS ESTAMOS?

José Antônio Pagola



Uns desconhecidos comunicam a Jesus a notícia da horrível matança de uns galileus no recinto sagrado do Templo. O autor [da chacina] foi, mais uma vez, Pilatos. O que mais lhes horroriza é que o sangue daqueles homens tenha sido misturado com o sangue dos animais que estavam oferecendo a Deus. Não sabemos por que ocorrem a Jesus. Desejam que ele se solidarize com as vítimas? Querem que lhes explique qual horrendo pecado teriam cometido para merecer uma morte tão ignominiosa? E se não pecaram, por que Deus permitiu aquela morte sacrílega em seu próprio templo?

Jesus responde recordando outro acontecimento dramático ocorrido em Jerusalém: a morte de dezoito pessoas esmagadas pela queda de uma torre da muralha próxima à piscina de Siloé. Pois bem, de ambos os acontecimentos, Jesus faz a mesma afirmação: as vítimas não eram mais pecadoras que os outros. E conclui a sua intervenção com a mesma advertência: «se não vos converterdes, todos perecereis». A resposta de Jesus faz pensar. Antes de tudo, rejeita a crença tradicional de que as desgraças são um castigo de Deus. Jesus não pensa em um Deus «justiceiro» que vai castigando seus filhos e filhas repartindo aqui ou ali enfermidades, acidentes ou desgraças, como resposta a seus pecados.

Depois, muda a perspectiva da abordagem. Não se detém em elucubrações teóricas sobre a origem última das desgraças, falando da culpa das vítimas ou da vontade de Deus. Volta o seu olhar aos presentes e confronta-os consigo mesmos: devem escutar nestes acontecimentos o chamado de Deus à conversão e à mudança de vida.

Em nossos dias vivemos estremecidos por trágicos acidentes (terremotos, tsunamis, vulcões etc.). Como ler essas tragédias a partir da atitude de Jesus? Certamente, a primeira coisa não é perguntar-nos onde está Deus, mas onde estamos nós. A pergunta que pode encaminhar-nos para uma conversão não é «por que Deus permite esta horrível desgraça?», mas «como nós consentimos que tantos seres humanos vivam na miséria, tão indefesos diante da força da natureza?».

Ao Deus crucificado não o encontraremos pedindo contas a uma divindade longínqua, mas identificando-nos com as vítimas. Não o descobriremos protestando pela sua indiferença ou negando a sua existência, mas colaborando de mil formas para diminuir a dor no mundo inteiro. Então, talvez, poderemos intuir, entre luzes e sombras, que Deus está nas vítimas, defendendo sua dignidade eterna, e nos que lutam contra o mal, dando ânimo ao seu combate.

O objetivo da Igreja não é preservar o passado. Sempre será necessário retornar às fontes para manter vivo o fogo do Evangelho, porém seu objetivo não é conservar o que está desaparecendo porque não mais responde às interrogações e desafios do momento atual. A Igreja não deve se converter em monumento do que foi. Alimentar a recordação e nostalgia do passado somente conduziria a uma passividade e pessimismo pouco afinados com o tom que deve inspirar a comunidade de Cristo. O objetivo da Igreja não é, tampouco, sobreviver. Seria indigno de seu

ser mais profundo. Fazer da sobrevivência o propósito ou a orientação subliminar da prática eclesial nos levaria à resignação e à inércia, jamais à audácia e à criatividade. «Resignar-se» pode parecer uma virtude santa e necessária hoje, porém pode também conter não pouca comodidade e covardia. O mais simples seria fechar os olhos e não fazer nada. No entanto, há muito o que fazer. Nada menos que isto: escutar e responder à ação do Espírito nestes momentos.

Propriamente, tampouco deve ser o primeiro propósito configurar o futuro tratando de imaginar como será a Igreja em uma época que nós não conhecemos. Ninguém tem uma receita para o futuro. Somente sabemos que o futuro está sendo gestado no presente. Esta geração de cristãos está decidindo, em boa parte, o porvir da fé entre nós. Não devemos cair na impaciência e no nervosismo estéril buscando «fazer algo» de qualquer jeito, de forma apressada e sem discernimento. Aquilo que os crentes de agora são hoje, será, de alguma forma, o que se transmitirá às seguintes gerações.

Aquilo que se pede à Igreja de hoje é que seja o que diz ser: a Igreja de Jesus Cristo. Dizendo isso com as palavras do evangelho de João, o decisivo é «permanecer» em Cristo e «dar fruto» agora mesmo, sem deixar-nos tomar pela nostalgia do passado nem pela incerteza do futuro. Não é o instinto de conservação, mas o Espírito de Jesus Ressuscitado aquele que há de nos guiar. Não há desculpas para não se viver a fé de maneira viva agora mesmo, sem esperar que as circunstâncias mudem. É necessário refletir, buscar novos caminhos, aprender formas novas de anunciar Cristo, porém tudo isso deve nascer de uma santidade nova.

A parábola da «figueira estéril» dirigida por Jesus a Israel, se converte hoje em uma clara advertência para a Igreja atual. Ela não deve perder-se em lamentações estéreis. O importante é enraizar nossa vida em Cristo e despertar a criatividade e os frutos do Espírito.

Sugestões de repertório para o 3º Domingo da Quaresma:

Refrão Meditativo: Misericordioso é Deus (Cantos de Taizé)

Abertura: No dia em que minha santidade (CD CF 2019, faixa 04).

Salmo responsorial: O Senhor é indulgente, é favorável! (CD Liturgia XIV, faixa 15).

Aclamação: Jesus Cristo, sois bendito (CD CF 2019, faixa 11).

Ofertório: Nossos dons apresentamos (CD CF 2019, faixa 13).

Comunhão: Aqui estamos, ó Senhor (CD CF 2019, faixa 16).

4º Domingo da Quaresma - 31/03/2019

Domingo da parábola do Pai Amoroso

1. **Silêncio, refrão:** Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. **Evangelho – Lc 15,1-3.11-32**

3. **Texto para aprofundamento da leitura:**

UMA PARÁBOLA PARA OS NOSSOS DIAS

José Antônio Pagola



Em nenhuma outra parábola quis Jesus fazer-nos penetrar tão profundamente no mistério de Deus e no mistério da condição humana. Nenhuma outra é tão atual para nós como esta do «Pai bom». O filho mais novo diz ao seu pai: «dá-me a parte que me toca da herança». Ao reclamar, está a pedir de alguma forma a morte do seu pai. Quer ser livre, romper obrigações. Não será feliz até que o seu pai desapareça. O pai acede ao seu desejo sem dizer palavra: o filho tem de eleger livremente o seu caminho.

Não é esta a situação atual? Muitos querem hoje ver-se livres de Deus ser felizes sem a presença de um Pai eterno no seu horizonte. Deus há de desaparecer da sociedade e das consciências. E, o mesmo que na parábola, o Pai guarda silêncio. Deus não condiciona ninguém.

O filho parte para «um país longínquo». Necessita viver noutra país, longe do seu pai e da sua família. O pai vê-o partir, mas não o abandona; o seu coração de pai acompanha-o; em cada manhã o estará esperando. A sociedade moderna afasta-se mais e mais de Deus, da Sua autoridade, da sua memória... Não estará Deus acompanhando-nos enquanto o vamos perdendo de vista?

Prontamente se instala o filho numa «vida desordenada». O termo original não sugere apenas uma desordem moral mas também uma existência insana, demente, caótica. Ao fim de pouco tempo, a sua aventura começa a converter-se em drama. Vem uma «fome terrível» e só consegue sobreviver tratando de porcos como escravo de um desconhecido. As suas palavras revelam a sua tragédia: «Eu aqui morro de fome».

O vazio interior e a fome de amor podem ser os primeiros sinais do nosso afastamento de Deus. Não é fácil o caminho da liberdade. Que nos falta? O que nos poderia encher o nosso coração? Temos quase tudo, por que sentimos tanta fome? O jovem «entrou dentro de si mesmo» e, afundado no seu próprio vazio, recordou o rosto do seu pai associado à abundância de pão: em casa do meu pai «têm pão» e aqui «eu morro de fome». No seu interior desperta-se o desejo de uma liberdade nova junto do seu pai. Reconhece o seu erro e toma uma decisão: «Ponho-me a caminho e voltarei ao meu pai».

Iremos pôr-nos a caminho em direção a Deus nosso Pai? Muitos o fariam se conhecessem esse Deus que, segundo a parábola de Jesus, «sai a correr ao encontro do seu filho, atira-se ao seu pescoço e beija-o efusivamente». Esses abraços e beijos falam do seu amor, melhor que todos os livros de teologia. Junto a Ele poderíamos encontrar uma liberdade mais digna e ditosa.

Sugestões de repertório para o 4º Domingo da Quaresma:

Refrão Meditativo: Misericordioso é Deus (Cantos de Taizé)

Abertura: Alegra-te Jerusalém (Cd CF 2019, faixa 05) *ou* Fiquei foi contente (CD Liturgia XIV, faixa 08)

Salmo responsorial: Provai e vede quão suave é o Senhor! (CD Liturgia XIV, faixa 15)

Aclamação: Jesus Cristo, sois bendito! (CD CF 2019, faixa 11) *ou* Honra, Glória, poder e louvor (Cd Liturgia XIV, faixa 12)

Apresentação das Oferendas: Nossos dons apresentamos (CD CF 2019, faixa 13) *ou* Todo povo sofredor (CD Liturgia XIV, faixa 13)

Comunhão: Feliz o homem que da culpa é absolvido (Cd CF 2019, faixa 17)

CANTOS PARA CONCLUSÃO DA LEITURA ORANTE:

1. HINO CF 2019 (CD CF 2019, faixa 1)

1. "Eis que o Senhor fez conhecer a salvação
E revelou sua justiça às nações"
Que, neste tempo quaresmal, nossa oração
Transforme a vida, nossos atos e ações

**Pelo direito e a Justiça libertados
Povos, nações de tantas raças e culturas
Por tua graça, ó Senhor, ressuscitados
Somos em Cristo, hoje novas criaturas
Somos em Cristo, hoje novas criaturas**

2. Foi no deserto que Jesus nos ensinou
A superar toda ganância e tentação
Arrependei-vos, eis que o tempo já chegou
Tempo de Paz, Justiça e reconciliação

3. Em Jesus Cristo uma nova aliança
Quis o Senhor com o seu povo instaurar
Um novo reino de justiça e esperança
Fraternidade, onde todos têm lugar

4. Ser um profeta na atual sociedade
Da ação política, com fé, participar
É o dom de Deus que faz, do amor, fraternidade
E bem comum faz bem de todos se tornar!

2. O VOSSO CORAÇÃO DE PEDRA (CD Liturgia XIII, faixa 05)

**O vosso coração de pedra se converterá
em novo, em novo coração.**

1. Tirarei de vosso peito, vosso coração de pedra,
No lugar colocarei novo coração de carne.

2. Dentro em vós eu plantarei, plantarei o meu espírito:
Amareis os meus preceitos, seguireis o meu amor.

3. Dentre todas as nações, com amor vos tirarei,
Qual pastor vos guiarei, para a terra, a vossa pátria.

4. Esta terra habitareis: foi presente a vossos pais
E sereis sempre o meu povo, eu serei o vosso Deus.

A produção desse material teve a colaboração da **CELEBRA**
Rede de Animação Litúrgica - Núcleo Iguatu/CE

